



**Crise do Capital, luta de classes e educação hoje: Utopia ou Barbárie**  
**10 e 11 de outubro de 2022**

## **O V INTERCRÍTICA: UMA SÍNTESE POSSÍVEL DO ACÚMULO TEÓRICO E POLÍTICO<sup>1</sup>**

O presente texto busca efetivar uma síntese analítica, a partir dos diálogos e debates dos 31 grupos de pesquisa presentes no Encontro Nacional do *V Intercritica* (Intercâmbio Nacional dos Núcleos de Pesquisa em Trabalho e Educação) na cidade do Rio de Janeiro, nos dias 10 e 11 de outubro de 2022. Este V Encontro efetivou-se em sua concepção e acompanhamento por uma equipe de pesquisadores sob a coordenação do GT09-Trabalho e Educação da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, cabendo a organização e execução local ao Grupo de Pesquisa Trabalho, História, Educação e Saúde de (THESE). Grupo formado por pesquisadores e estudantes de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade do Estado

---

<sup>1</sup> Este texto documenta a realização do V Intercâmbio Nacional dos Núcleos de Pesquisa em Trabalho e Educação – INTERCRÍTICA, promovido pelo GT 09 – Trabalho e Educação, da ANPEd (Rio de Janeiro, 10 e 11/10/2022), como uma síntese de um amplo processo que mobiliza esse GT. A elaboração do texto foi assumida pela coordenação do Grupo These – Grupo de Projetos Integrados de Pesquisa em Trabalho, História, Educação e Saúde UFF, Uerj, EPSJV/Fiocruz, atualmente exercida por Maria Ciavatta e Jacqueline Botelho (UFF); Gaudêncio Frigotto e Eveline Algebaile (Uerj); e Marise Ramos e Gregório Albuquerque (EPSJV/Fiocruz).

do Rio de Janeiro (UERJ) e da Escola Politécnica Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV/FIOCRUZ).

Entendemos que o V *Intercrítica*, por ter ocorrido num duplo evento, que demarcara nossa história, assume um sentido muito peculiar. Com efeito, o adiamento de dois anos de sua realização deveu-se à tragédia da Pandemia Covi-19, que ceifou aproximadamente, até o presente, 800 mil vidas, um terço delas evitáveis não fosse a opção pela necropolítica do insano presidente Jair Messias Bolsonaro. O outro fato histórico dramático é que este Encontro Nacional do GF09 da ANPED deu-se entre o primeiro e segundo turnos de uma eleição que definiria a interrupção ou continuidade de um projeto de extrema direita, pautado por concepções e práticas fascistas e, com isto a retomada ou não de nossa frágil democracia.

A Carta do Rio do V *Intercrítica* capta o significado desta disputa. Os acampamentos antidemocráticos formados frente aos quartéis militares e estimulados pelo presidente derrotado e o seu núcleo ideológico, que colimaram com os atos terroristas de oito de janeiro, mostram a gravidade do que seria um segundo mandato do insano Presidente e a grandeza, ao mesmo tempo, da vitória que o povo brasileiro construiu sob a ameaça, a violência, a mentira e uso de meios ilícitos de um governo que queria ser reeleito de qualquer maneira e não reconhecer a derrota.

Destacamos, também, que o V *Intercrítica*, por sua abrangência e representatividade nacional, sua dinâmica de preparação e organização e pela natureza das análises e debates, engendra a síntese de um processo de aprofundamento no campo do materialismo histórico dialético e, conseqüentemente, nas exigências, com base neste método, da práxis no âmbito da formação de um novo ser humano e da luta política para a construção de uma nova sociedade sem expropriação e exploração de classe. Esta peculiaridade levou o grupo de coordenação a propor um texto que engendrasse uma visão de conjunto e uma análise, especialmente dos relatórios sínteses dos debates efetivados nos seis grupos de discussão e dos materiais enviados previamente à coordenação do encontro. Mas, antecedendo este ponto central, também, optou por uma dupla recuperação histórica: a razão do nome de *Intercrítica* dado ao

Encontro Nacional do GT Trabalho e Educação e uma breve síntese do contexto e ênfases temáticas dos quatro Encontros Nacionais anteriores.

Esta tarefa foi delegada à coordenação do grupo THESE, mas a versão final do texto tem a colaboração do conjunto da coordenação do V *Intercrítica* formada por: Doriedson Rodrigues (UFPA) e Lucas Pelissari (IFPR), respectivamente coordenador e vice coordenador do GT Trabalho e Educação da ANPED e, em ordem alfabética, por Alexandre Maia do Bom Fim (IRJ), Carmen Sylvia Vidigal Moares (USP), Filomena Lucia Glessner (IFC), Gaudêncio Frigotto (UERJ), Gregório Albuquerque (EPSJV/ FIOCRUZ), Maria Ciavatta (UFF), Maria Clara Bueno Ficher (UFRGS) e Marise Nogueira Ramos (EPSJV/FIOCRUZ e UERJ).

Este texto, deste modo, assim se estrutura: um item introdutório no qual se discute a gênese mediata e imediata do sentido da denominação aos Encontros Nacionais do GT 09 de *Intercrítica*, gênese esta que se inscreve no processo de afirmação da ANPED como Associação autônoma da sociedade civil frente à tutela do Estado. Um segundo item, que aborda o contexto e a ênfases das temáticas dos Encontros Nacionais dos quatro *Intercríticas* anteriores. A interrupção, por 12 anos, entre o primeiro e o segundo, que coincide com os mandatos dos governos populares, impõe levantar alguns pontos de interpelação. O terceiro ponto é o central e busca expor o contexto, a ênfase temática do V *Intercrítica*, sua organização, programação e uma visão de conjunto das sínteses de cada um dos pontos do roteiro de discussão dos seis agrupamentos feitos para diálogo e interfaces dos participantes. Por fim, ainda neste item, se busca pontuar alguns questionamentos sobre temas sinalizados nos grupos e na discussão plenária deste encontro. Trata-se de um texto, portanto, de dupla memória: de como o passado se mantém no presente e, ao mesmo tempo, se supera dialeticamente.

### **1. Gênese do *Intercrítica* no processo de acúmulo teórico e político da educação brasileira.**

Cabe destacar, inicialmente, que sobre este primeiro item há vários textos publicados sobre a ANPED e, especialmente, sobre o GT 09 – Trabalho e Educação. O que se pretende aqui é, olhando do presente este passado, captar alguns aspectos que nos permitam perceber o processo dentro do qual o V *Intercrítica* emergiu, se organizou e se desenvolveu.

### 1.1. ANPED, GT Trabalho e Educação e a gênese do Intercrítica no debate teórico e político da educação.

Compreender a gênese da organização do *Intercrítica* e do porquê deste nome implica situá-lo no contexto social e no debate teórico e político da área da educação, especialmente a partir do final da década de 1970, quando ANPED é criada e, dentro dela, o GT 09 - Trabalho e Educação. Uma compreensão que exige situá-lo no terreno da contradição, onde positividade e negatividade do real coexistem e não da antinomia, terreno da lógica formal e do embate discursivo.

Com efeito, como indica uma das lideranças, senão a principal liderança na organização da ANPED, Maria Julieta Costa Calazans, os debates começaram em 1975 e 1976, inicialmente com professores e estudantes do Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESA) na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, professores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Dos debates que antecedem a criação efetiva em 1978 dois aspectos merecem ser destacados. Primeiro que a ANPED nasce ainda na vigência da ditadura empresarial militar numa fase que começa perder legitimidade, resistência e contestação política organizada. Mas, paradoxalmente, a ditadura expandiu a pós-graduação criando em 1975 o primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação (1975-1979) e, no mesmo ano, o Programa de Pós-graduação em Educação (CALAZANS. 1995, p.8).

O interesse e presença do Estado, representado então pelo Diretor da CAPES, Darci Closs, fica clara na análise de Calazans. “A ANPED era uma expectativa na CAPES no ano de 1975 quando estava em elaboração o Plano Nacional de Educação” (IBID, p.9). Isto fica patente, pois a Reunião de criação da ANPED foi realizada no IESAE/FGV no período de 14 a 16 de Março de 1978 com apoio da CAPES e presença do CNPQ, INP, FINEP e do CNRH/IPEA. Uma reunião que teve a presença de 43 pessoas, entre professores, coordenadores de pós-graduação e estudantes.

O segundo aspecto a destacar, e nisto reside a dimensão contraditória, é que a ditadura tinha fissuras internas e com a morte do Presidente Castelo Branco a mesma assumiu uma opção de linha dura, como a história nos mostra. E foi na

FGV do Rio de Janeiro que se criou, inicialmente, um Centro de Pesquisa, onde seriam acomodadas personalidades, por um curto período, como a do Ex-Ministro da Educação no governo de Castelo Branco, Raymundo Muniz de Aragão. Igualmente, para acomodar intelectuais indigestos à ditadura, mas que não teriam condição de prendê-los, como Anísio Teixeira e Durmeval Trigueiros Mendes.

Para organizar a área da pesquisa e a pós-graduação foi convidada Maria Julieta Costa Calazans que retornava do exílio, mesmos antes da Lei da Anistia de 1979. O seu exílio na França deveu-se à sua atuação nos movimentos rurais do campo no Rio Grande do Norte. Na França, fez a sua formação de pós-graduação nos temas de cooperativismo e de planejamento. Com a morte, supostamente “acidental”, de Anísio Teixeira em março de 1971, restou nos quadros do IESAE Durmeval Trigueiro, que representava o pensamento filosófico, social e educacional crítico. A maior parte dos professores era da área de Administração da FGV ou da Psicologia. Aí entra o papel da professora Maria Julieta Calazans com sua experiência política e formação no âmbito das Ciências Sociais. Com três linhas de concentração e de pesquisa (Filosofia, Psicologia e Administração) havia necessidade de novos pesquisadores. Neste contexto foram contratados, em períodos distintos, Cândido Gryzybowski, Elter Dias Maciel, Luiz Antonio Cunha, Osmar Fávero, Silvério Bahia Horta, pesquisadores e professores do campo crítico.

Esta breve indicação é fundamental para entender o embate no processo que precedeu, entre 1976 e 1978, a criação da ANPED. Este embate se deu entre uma corrente defendida por pesquisadores conservadores da psicologia e pesquisadores com formação social e política crítica. E o pêndulo, mesmo sob a “tutela” do Estado, acabou se definindo na perspectiva do campo crítico<sup>2</sup>.

O processo de autonomia da ANPED em relação ao Estado, ocorreu um ano depois (novembro de 1979 na reunião Anual da ANPED em Salvador) e o mesmo se insere, por um lado, no contexto do salto na formação teórica, por um conjunto cada vez mais amplo de professores já em exercício, mas sem o título de doutorado e, por outro, posteriormente, mediante a organização, por grande parte destes,

---

<sup>2</sup>A análise deste segundo aspecto, que demarca a origem da ANPED, se baseia na participação, de Gaudêncio Frigotto que, ainda como mestrando do IESAE (1974/1987), participou das reuniões prévias como estudante e, em 1978, como docente pesquisador do IESAE, participou da reunião de fundação da ANPED.

então já doutores, na organização de seminários e-as Conferências Brasileiras de Educação (CBE).

Do ponto de vista do salto na formação teórica do campo educacional podemos afirmar que a criação, em 1977, da área de concentração *Educação: História, política e sociedade*, sob coordenação de Dermeval Saviani, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, se constitui no ponto mais avançado. Com efeito, a base teórica desta área era Marx, Engels, Gramsci e outros autores marxistas. São egressos, sobretudo, das primeiras turmas desta área do doutorado, que vão dirigir associações científicas como ANPED, Associação Nacional de Educação (ANDE) e O Centro de Estudos e Sociedade (CEDES)

O I Seminário de Educação Brasileira, realizado em 1978 na Universidade de Campinas (UNICAMP) foi o deflagrador da criação do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) e da Revista Educação e Sociedade em 1979 e da I Conferência Brasileira de Educação (CBE), realizada em março de 1980 que seria seguida por mais cinco. Foi dentro deste processo de adensamento do pensamento crítico na educação que em 1979, na Reunião Anual da ANPED, realizada em Salvador, houve uma decisão que demarca a sua autonomia em relação ao Estado *stricto Sensu*.

Dermeval Saviani explicita com clareza o processo, quase imediato, de a ANPED desatrelar-se do Estado.

A criação da ANPED, com caráter predominantemente institucional, foi proposta e patrocinada pela CAPES. Desde sua origem, entretanto, começaram a ser discutido tanto o seu caráter institucional quanto a associação ser autônoma em relação ao Estado, portanto em relação à própria CAPES. Os primeiros passos da entidade se deram, já na direção da autonomia, são preservar a suas posições e o espaço de um eventual conflito com o Estado. É nesse sentido que a Assembleia Geral da ANPED, reunida em Salvador, em sua Reunião Anual, rejeitou o projeto de avaliação dos programas de pós- graduação em educação, proposto pela CAPES para ser desenvolvido mediante convênio, pela ANPED.(SAVIANI, 1986, p.45)

1.2 Os Grupos de Trabalho da ANPED e o GT 09 Trabalho e Educação e o nome de *Intercrítica* aos Encontros Nacionais.

Os grupos de trabalho fazem parte da estrutura institucional da ANPED e tanto a sua instituição quanto o recorte dentro da área de educação fazem parte dos debates e das decisões da associação. Somente em sua 4ª. Reunião Anual foram instituídos e assim caracterizados: “Os grupos de trabalho (GT) foram instituídos pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação/Anped em 1981 (4ª Reunião Anual - Belo Horizonte) como locus de discussão e troca de opiniões sobre resultados de pesquisas realizadas; seleção de problemas relevantes; experiências metodológicas; intercâmbio de informações bibliográficas, de estudos e trabalhos realizados. (Boletim da Anped, v. 8 n.1. 1986, p.2)”. Instaurou um debate interno sobre qual seria a forma de organização dos GTs, se por áreas disciplinares, como História da Educação, Filosofia da Educação etc., ou por temas. Prevaleceu a forma mista, mas com a criação crescente de novos grupos o dominante é por temas como se pode constatar dos atuais 23 GTs.

A síntese que Dermeval Saviani efetiva, no livro *Escola e democracia* (1983), sobre as teorias não críticas, crítico-reprodutivistas e crítico-críticas expressa o debate teórico e epistemológico na área da educação na década de 1980. No interior dos Gts da Anped, ainda poucos neste ano de 1983, a dominância era das teorias crítico-reprodutivistas: teoria da violência simbólica, tendo como autor principal Pierre Bourdieu; teoria dos aparatos ideológicos de Estado, sustentada por Luis Althusser; e a teoria da escola dualista com obras de Baudelot e Stablet. As teorias crítico-críticas, com aportes sistemáticos em Karl Marx, Friedrich Engels, Antônio Gramsci, Paulo Manacorda começavam a se afirmar a partir de formação de novos doutores, especialmente no Programa coordenado por Dermeval Saviani na PUC/SP.

O GT 09 foi criado dentro deste contexto de debates e embates no âmbito da teoria educacional e dos movimentos das diferentes conjunturas de nossa sociedade. Chegar ao que define a ementa atualmente desse GT foi um longo processo dentro da materialidade das relações sociais capitalistas de nossa sociedade. Este processo é parte da incorporação, inicialmente de intelectuais brasileiros, em suas análises, do método materialista histórico dialético. Método que implica uma dupla superação: do idealismo, que prescinde da base material

ontológica; e do empiricismo, que toma os fenômenos na sua aparência com sendo o real.

É, também, neste processo que o GT 09 inverteu a relação de denominar-se Educação e Trabalho, por Trabalho e Educação, não como mera inversão dos termos, mas como uma exigência ontológica, epistemológica e da práxis. Cabe registrar que no contexto que o GT09 fazia sentido denominar-se de Educação e Trabalho, pois o foco do debate era qual educação interessa ao trabalho e, por isso, também, tinha forte relação com a educação popular. A inversão dos termos é parte do andar do debate no campo da educação na interface com as mudanças nos planos social e político.

O texto mais completo deste percurso até o GT 09 denominar-se Trabalho e Educação, que parte das análises não críticas, até as crítico-críticas, é de KUENZER (1991). Neste texto a autora indica que esta mudança partiu de um seminário por ela organizado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) em 1986. “Desta forma, a proposta, feita pelo grupo de participantes do Encontro, de que se passe a denominar a área de Trabalho e Educação, reflete, mais do que uma diferença semântica, uma concepção teórica fundamentada em uma opção política”. (KENZER, 1991, p.93)

Várias análises foram efetivadas sobre a história do GT Trabalho e Educação. Destaco quatro, pois através delas tem-se referências importantes de outras análises e, sobretudo, porque o nome *Intercritica* dos Encontros do GT fora da Reunião Anual. Os primeiros três – TREIN e CIAVATTA (2003 e 2009) e CIAVATTA (2015) – tratam do percurso histórico do GT em suas dimensões teóricas e empíricas. Trata-se de análises, como a autoras sublinham, que busca estimular o debate. O quarto texto, de CÉA e RUMMET (2015), traz um detalhado material de síntese e de análise do conjunto de minicursos e de trabalhos encomendados no GT Trabalho e Educação de 1997 a 2013.

A ementa atual do GT 09 reflete, em grande parte, os debates e embates do seu percurso histórico.

O GT Trabalho e Educação caracteriza-se como um fórum de discussão sobre as relações entre o mundo trabalho e a educação, enfocando temáticas como: trabalho na sua dimensão ontológica e nas suas formas históricas de trabalho escravo e trabalho alienado sob o capitalismo, formação profissional, formação sindical, reestruturação



produtiva, organização e gestão do trabalho, trabalho e escolaridade, trabalho e educação básica, trabalho e educação nos movimentos sociais, trabalho docente, trabalho associado, dentre outras que tomam a relação entre o trabalho e a educação como eixo de análise. Os debates se realizam a partir da produção acadêmica de pesquisadores; esta, por sua vez, tem se baseado no referencial teórico-metodológico do materialismo histórico-dialético ou em outros que dialogam ou se confrontam com este referencial. Um eixo hegemônico do GT é compromisso ético-político com a superação das formas de exploração humana geradas pela produção e pela sociabilidade do capital. Valorizam-se, ainda, contribuições analíticas orientadas para temas emergentes no contexto das transformações do último século, tais como a sociedade de consumo, a comunicação, a subjetividade, a presença da imagem, o ideário pós-moderno<sup>3</sup>

Esta breve retrospectiva nos remete a razão do nome *Intercrítica*. Certamente a ebulição ideológica, teórica e política que afetou radicalmente o mundo do trabalho e a educação na década de 1990 é a razão implícita para esta escolha. Tratava-se de um esforço coletivo de debate ontológico, teórico, epistemológico e político que atravessava a área da educação e que demandava do GT um posicionamento. Este posicionamento passava por uma afirmação do método materialista histórico dialético frente, sobretudo, às posturas idealistas, empiricistas e pós-modernas. Todavia, também, às tensões com as teorias crítico-reprodutivistas e no interior do próprio marxismo. Certamente, aqui se aplicaria a metáfora da *curvatura da vara* de Lenin – quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto” – trazida no debate educacional por Dermeval Saviani (2003). O processo do I ao V *Intercrítica* nos permitirá perceber se a “vara” está no ponto adequado e, do mesmo modo, um melhor entendimento e utilização do materialismo histórico dialético nos objetos específicos de pesquisa no diálogo com outros referenciais e diferentes metodologias.

O contexto do debate teórico, epistemológico e político dentro do qual emergiu o primeiro *Intercrítica* explicita de forma mais ampla o porquê deste nome aos Encontros Nacionais do GT 09.

---

<sup>3</sup> <https://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt09-trabalho-e-educa%C3%A7%C3%A3o>  
Acessado em 18.01.2023

## **2. Contexto e ênfases das temáticas dos Encontros Nacionais do *Intercrítica***

Parece-nos importante explicitar, ainda que de forma muito sucinta, o contexto e a ênfase temática do I, II, III e IV *Intercrítica* que precederam o V o qual se realizou de 10 a 12 de outubro de 2022, na cidade do Rio de Janeiro. Esta decisão, como se indicou acima, foi tomada pela equipe coordenadora do V *Intercrítica*, por diferentes razões. Entre elas destacamos: o intervalo de 12 anos entre o I e o II *Intercrítica*; a interrupção da decisão de realizar este Encontro Nacional de dois em dois anos, causada pela pandemia COVID19; e, para recuperar, na medida do possível, uma visão de conjunto. Um esforço de nos olharmos pelo retrovisor da nossa história.

### *I Intercrítica*

A ideia de organizar o *I Intercrítica* surgiu a partir das análises coletivas realizadas no Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (NEDDATE) vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) do qual participavam Maria Ciavatta, Eunice Trein, Sonia Rummert, Gaudêncio Frigotto, José Rodrigues, estudantes de doutorado, mestrado e de graduação e ex mestrandos.

Pelo que demonstra a análise acima referida, de Célia e Rummert, sobre os Trabalhos Encomendados e Minicursos do GT 09 nas Reuniões Anuais da ANPED, destaca-se a participação de vários membros do NEDDATE no período que precedeu a realização do *I Intercrítica*. O teor dos temas destas duas atividades do GT Trabalho e Educação refletem o foco dos debates no plano teórico, epistemológico, metodológico e político social que precedeu e influenciou este primeiro Encontro Nacional fora da Reunião Anual da ANPED.

Em 1997, o tema encomendado, a ser desenvolvido por Gaudêncio Frigotto, foi: *Trabalho, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: historicidade do discurso*. Novamente, em 2000, o Trabalho Encomendado para o mesmo professor foi: *Trabalho e Educação: desafios teóricos e problemas conceituais e metodológicos*. Como se depreende do título o GT estava focado no debate e embate teórico. Em 2002, o Trabalho Encomendado foi para Eunice Trein e Maria Ciavatta com o tema: *Trabalho e educação – uma análise para debate*. Os

Minicursos tiveram início em 2000, sendo que o de 2001 foi ministrado por José dos Santos Rodrigues com o tema: *O pensamento pedagógico empresarial no Brasil: do industrialismo à competitividade*. No ano de 2002 o tema do Minicurso foi: *A metodologia da pesquisa em educação e o uso de imagens*. Foi desenvolvido por Maria Ciavatta, Nilda Alves e Gustavo Fichman.

Vale registrar que a segunda metade da década de 1980 e a década de 1990 foram marcadas por profundas mudanças na relação capital e trabalho sob a ideologia do neoliberalismo e do pós-modernismo, este último que expressa, como analisa Fredric Jameson (1997), a lógica cultural da fragmentação do capitalismo tardio. Diante da investida mercantil sobre a educação, a ANPED, em sua 24ª Reunião anual, elegeu como tema da conferência de abertura, proferida por Francisco de Oliveira (2001): *Intelectuais, conhecimento e o espaço público*. Neste texto o autor advertia sobre o risco de a produção do conhecimento ser balizada pelo metro da mercadoria.

Foi dentro deste contexto de debate teórico e no ano de eleições em que foi vitorioso Luiz Inácio Lula da Silva para seu primeiro mandato como Presidente da República que em 2002, sob a coordenação do NEDDATE, realizou-se na Universidade Federal Fluminense (UFF). Além do NEDDATE, que foi o primeiro grupo organizado de Trabalho e Educação em 1985, estavam presentes grupos de pesquisa em trabalho e educação organizados posteriormente, outros emergentes, além da coordenação do GT 09. Como pontos de diálogo cada grupo apresentou o percurso histórico, as linhas de pesquisa e atuação, seus vínculos institucionais e associações interinstitucionais e seus referenciais teórico-metodológicos<sup>4</sup>.

Pautando-nos no relatório do Intercrítica I, ocorrido na UFF, verifica-se que, em 2002, a preocupação dos grupos voltava-se às teses sobre a crise da centralidade do trabalho ou fim do trabalho e o surgimento de uma suposta “sociedade do conhecimento”. Portanto, a necessidade de reafirmar a importância de um referencial marxista no desmonte de tais teses revelou-se fundamental. É sintomático que na síntese do referido relatório, dos três desafios a serem enfrentados pelos pesquisadores, um referia-se à necessidade de renovação e a ampliação dos quadros de pesquisadores no campo; e dois diziam respeito à posição teórico-metodológica marxista no GT09, ou seja, caberia a este enfrentar:

---

<sup>4</sup> <https://www.anped.org.br/content/iv-intercritica-intercambio-nacional-dos-nucleos-de-pesquisa-em-trabalho-e-educacao>. Acesso em 18.01.2023

A pressão externa exercida por professores e pesquisadores de outros campos, por vezes de forma não muito legítima, sobre coordenações e alunos de graduação, mestrado e/ou doutorado nos programas de pós-graduação, no sentido de isolar os professores e pesquisadores de T&E que adotam o referencial marxista;

A pressão interna exercida sobre professores e pesquisadores do próprio campo no sentido de uma flexibilização das matrizes e referenciais teóricos marxistas e da incorporação de novos referenciais (REIS; LOBO, 2003, p.7, *apud* LIMA FILHO, SHIROMA e SILVA, 2019)<sup>5</sup>.

Os dois desafios, externos e internos de pressão sobre o GT Trabalho e Educação da ANPED, indicam que a ênfase dos debates foi de natureza teórica e epistemológica e, certamente, refletiam as análises feitas no Programa de Pós Graduação em Educação da UFF onde se vinculava o NEDDATE. Com efeito, Teoria I – Seminários Avançados (obrigatórios para os doutorandos) eram ministrados por Gaudêncio Frigotto e Maria Ciavatta<sup>6</sup>. O foco dos Seminários Avançados era justamente, “um acerto de contas,” desde o materialismo histórico dialético, com as visões idealistas, positivistas empiricistas e com o pós-modernismo. Um contexto claramente de “curvatura da vara”. Os Seminários Avançados reservavam períodos para a participação de pesquisadores convidados da área das ciências humanas e sociais. O livro “Teoria e educação no labirinto do capital” (FRIGOTTO e CIAVATTA, 1989) traz de forma explícita o teor do foco dos debates neste período histórico. Na primeira parte – *A crise do capital e a crise ético-política: globalização e exclusão social* – com textos de Francisco de Oliveira e de Gaudêncio Frigotto; a segunda parte – *A crise da Razão e a pós-modernidade: cultura, história e ideologia* - com textos de Ciro Flamarion Cardoso, Leandro Konder, Virginia Fontes, Maria Ciavatta, Munis Sodré, Sonia Kramer e Luis Antônio Baptista.

A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002 carregava um imenso entusiasmo para um novo tempo e que Francisco de Oliveira destacou como a possibilidade de, pela quarta vez, se tentar fundar a nação, agora com um marco de não retorno. Mas Oliveira ponderava que para isto não bastava fazer um governo

---

<sup>5</sup> <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/28307/25297> Acessado em 19.01.2023

<sup>6</sup> . Ambos, fundadores do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (NEDDATE), por vários anos os coordenadores.

desenvolvimentista, mas era necessário civilizar a dominação. “É tarefa das classes dominadas civilizarem a dominação, o que as elites brasileiras foram incapazes de fazer. O que se exige do novo governo é de uma radicalidade que está muito além de simplesmente fazer um governo desenvolvimentista (OLIVEIRA, 2003, p.3)”

Uma questão que parece importante ser levantada e discutida é o que poderia explicar o fato de que somente doze anos depois, em 2014, se retomou e foi realizado o *II Intercrítica*. No texto acima referido, Lima Filho, Shiroma e Da Silva, com base no relatório de REIS e LOBO (2003), destacam como possível explicação: “uma análise dos Relatórios do GT evidencia que houve várias tentativas de organizar o *II Intercrítica*. As dificuldades apontadas foram: falta de financiamento e dificuldades de tempo para planejar o evento durante a Reunião da Anped (ANPED, 2004; 2005; 2007; 2012; 2013).

Não descartando as razões acima, mas olhando a história dos 13 anos de governos do Partido dos Trabalhadores (PT), talvez se pudesse agregar uma questão de natureza política. Em que medida as disputas que se efetivaram no âmbito interno do PT e que motivou a criação do PSOL e, da mesma forma, os embates no interior do sindicalismo, que levou à criação do CONLUTAS, teriam influenciado o campo científico para este intervalo de tempo?

### *II Intercrítica*

A questão acima parece fazer algum sentido se considerarmos que o *II Intercrítica*, ocorreu justamente quando os movimentos de rua explicitavam uma agenda de desestabilização do Governo Dilma Rousseff. Movimentos que objetivavam, ao fim, o *impeachment* da Presidenta que ocorreu em agosto de 2016. No campo da Educação, especialmente por alguns grupos de esquerda, postulava-se “fora todos”. Como lembrava, à época, novamente Francisco de Oliveira, iríamos demorar muito tempo para decifrar a natureza destes movimentos. O “fora todos” certamente expressava o não entendimento do que de fato estava ocorrendo. O *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff – a história o demonstra – não resultou num avanço, mas sim numa regressão sem precedentes em todas as esferas da vida brasileira.

Nesta segunda edição, o *Intercrítica* aconteceu nas dependências da Universidade Federal do Pará (UFPA), no período de 26 a 28 de agosto de 2014, organizado pelo GEPE, contando com a colaboração dos grupos de pesquisa na área de Trabalho e Educação de diferentes instituições brasileiras de ensino superior e/ou de pesquisa, tendo como tema geral: “*Por uma (nova?) pauta para a Pesquisa em Trabalho e Educação no Brasil*”.

O tema geral no seu desdobramento traz dimensões de memória e sinalizações para novas pautas. O ponto de partida foi o artigo de Trein e Ciavatta (2003) – sobre “O percurso teórico e empírico do GT Trabalho e Educação: Uma Análise para debate, no qual destacam como temas aglutinadores:

- a) Trabalho e educação – teoria e história: o trabalho como princípio educativo; a evolução histórica do conceito de trabalho; a relação trabalho e educação e sua reconstrução histórica.
- b) Trabalho e educação básica: o trabalho e a continuidade/descontinuidade da escolarização do trabalhador; o mundo do trabalho, a escola e a formação científico-tecnológica do trabalhador.
- c) Profissionalização e trabalho: a análise histórica das políticas de profissionalização definidas pelo Estado; trabalho, conhecimento e cidadania para a emancipação do trabalhador.
- d) Educação do trabalhador nas relações sociais de produção: reestruturação produtiva, apropriação do conhecimento nos processos produtivos; a organização da produção e suas propostas pedagógicas; a escola, o trabalho, a sociedade e a construção da hegemonia.
- e) Trabalho e educação nos movimentos sociais: a construção de identidades de diferentes categorias de trabalhadores; demandas de conhecimentos científico-tecnológicos dos movimentos sociais com base na produção; a ação pedagógica nas formas cooperativistas de organização dos trabalhadores. (TREIN e CIVATTA, 2003)

Sob esta memória e com ênfase em novas pautas, além da conferência de Abertura do prof. José Barta-Moura (Universidade de Lisboa) foram organizadas cinco mesas, sendo a última um debate sobre obras referências de autores do GT Trabalho e Educação cuja primeira edição completava três décadas.

Mesa 01: As tendências das pesquisas em trabalho e educação no Brasil frente à crise do capital; Mesa 02: Atividade de apresentação das pesquisas em andamento nos grupos de pesquisa e discussão; Mesa 03: Trabalho e educação como pauta do GT trabalho e educação; Mesa 04: Culturas do trabalho, movimentos sociais e produção de saberes; Mesa 05: Atividade de apresentação das pesquisas em andamento nos

grupos de pesquisa e discussão; Mesa 6: Três décadas de produção na área de trabalho e educação no Brasil: que lições ficaram?<sup>7</sup>

Vale destacar que a mesa 04 – Cultura do trabalho, movimentos sociais e produção de saberes, se constituiu em nova pauta de pesquisa dentro do GT 09 e que no presente ganha amplo espaço e relevância no debate educacional e social. Não por acaso ela emerge no âmbito do GEPTE, mas sim pela materialidade da realidade social, econômica e cultural dos povos amazônicos, espaço onde se desenvolvem os trabalhos de pesquisa dos integrantes do grupo, em diálogo com outros grupos nacionais.

### *III Intercrítica*

A realização do III *Intercrítica* efetivou-se na Universidade Tecnológica do Paraná no período de 28 a 30 de Setembro 2016 sob a coordenação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho e Tecnologia do PPG em Tecnologia (GETET/PPGTE da UTFPR). O tema geral– Formação dos trabalhadores e luta de classes – claramente reflete a natureza dos movimentos de rua que colimaram com o Golpe de Estado efetivado um mês antes com o *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff. O texto de Lima Filho, Shiroma e Da Silva, acima citado, sintetiza a ênfase dos debates.

Além das diversas conferências, mesas-redondas e plenárias, é importante destacar que no III *Intercrítica* foram lançadas 23 obras e apresentados 102 pôsteres. Porém, o desafio maior estava na necessária e inadiável análise de uma complexa conjuntura política, econômica e social, cujo desfecho imediato foi o golpe parlamentar, empresarial, midiático que levou à cassação do mandato da presidente Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016. Destarte, o tema deste *Intercrítica* “Formação e Luta de classes” parece traduzir o sentimento inquietante do conjunto de pesquisadores preocupados com a luta a ser travada, tanto no âmbito teórico-acadêmico, quanto na práxis coletiva de atuação desses professores/pesquisadores. Nesse sentido, as discussões priorizaram reflexões teóricas e metodológicas estruturadas em três eixos, a saber: a relação entre educação, trabalho e luta de classes, destacando a categoria “classe social” como fundamental na análise da conjuntura econômica, política e educacional; a interlocução do campo trabalho e educação com a teoria social marxiana, com vistas ao enfrentamento dos desafios colocados ao campo

---

<sup>7</sup> . <https://getetutfpr.wordpress.com/sobre-o-evento/> Acessado 22 de janeiro de 2023

Trabalho e Educação; a discussão sobre a formação dos trabalhadores no espaço de trabalho, da moradia, na escola e nos movimentos sociais, trazendo à tona a questão da educação da classe trabalhadora.

Ao final deste III Encontro Nacional foram tiradas três importantes moções: “Moção sobre a Medida Provisória do Novo Ensino Médio: apoio ao Manifesto do Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio. Não ao esfacelamento do Ensino Médio”. “Moção de Repúdio às medidas de ataque perpetradas pelo atual governo federal contra os direitos sociais dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros e à soberania nacional”. “Moção de Repúdio à extinção dos cursos técnicos de nível médio do campus Curitiba da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)”.

#### *IV Intercrítica*

Dando sequência a uma decisão tomada pelo GT 09 de realizar a cada dois anos este Encontro Nacional, de 26 a 28 de novembro de 2018 foi realizado no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) o *IV Intercrítica*. A organização e coordenação couberam ao Núcleo de Pesquisa em Educação (NUPED), em colaboração com o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do IFRN.

Os temas foco de debate do *III Intercrítica* tinham como conjuntura o início do Golpe de Estado de 2016. O *IV Intercrítica* realizou-se no final da vigência do governo golpista de Michel Temer e, portanto, das contrarreformas neoliberais em sua expressão mais profunda e demolidora da esfera pública e do conjunto de direitos sociais da classe trabalhadora. No campo da educação, a aprovação da contrarreforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017), liquidaria o sentido de educação básica e com ele se implantava uma formação restrita e pragmática que interdita o futuro das atuais e novas gerações filhas e filhos da classe trabalhadora para se integrarem de forma autônoma na vida social e política e no trabalho complexo.

As indicações das primeiras medidas tomadas pelo governo golpista já apontavam os desafios a serem enfrentados: “assim, o GT09 sai do Intercrítica III com uma tarefa: investir na compreensão da realidade mediante o aprofundamento



do método da crítica à economia política. Seria preciso construir e/ou reforçar junto às novas gerações de pesquisadores/professores as referências necessárias para ler a complexidade dos fenômenos sociais à luz das categorias marxistas de análise”. (LIMA FILHO, SHIRROMA E DA SILVA, 2019)

Seguindo esta diretriz, que mostra o esforço de acúmulo coletivo, o tema central do IV Encontro Nacional foi: *As categorias fundantes do materialismo histórico-dialético no Século XXI*. No título está explícito o desafio de saturar de historicidade ou da dialeticidade do real as categorias totalidade, contradição, particularidade e mediação. E, como se pode depreender do foco das discussões, isto implica trabalhar as categorias fundantes do materialismo histórico dialético na relação com a temporalidade e espaço social dos objetos de pesquisa.

“As discussões ocorrerão tendo como referência a análise aprofundada do tema central, com o objetivo de proporcionar a reflexão sobre o estágio atual da produção sobre a temática Trabalho e Educação e estimular a continuidade do diálogo e intercâmbio entre pesquisadores e grupos de pesquisa da área e campo temático. Assim, a partir desta temática central, nas mesas serão aprofundadas as discussões relativas às relações entre luta de classes no século XXI e as questões de gênero, de raça, étnicas, geracionais e de diversidade sexual; Articulações neoliberais-neoconservadores e autoritarismo no Brasil; Lutas de classes e perspectivas sociais; Reforma do Ensino Médio. O evento é voltado para pesquisadores professores universitários, professores da educação básica e estudantes de pós-graduação e de graduação vinculados a grupos e núcleos de pesquisa que tenham por objeto de estudo temáticas vinculadas à área Trabalho e Educação. A programação terá conferência de abertura, mesas temáticas, grupos de trabalho, exposição de pôster<sup>8</sup>

Note-se que há uma crescente ênfase sobre a utilização do método materialista histórico dialético do GT como critério de orientação geral aos Grupos de Trabalho e Educação vinculados ou que queiram se vincular ao GT 09 da ANPED, sem engessar as categorias constituintes e fundantes deste método, o que seria a sua negação prática. Esta perspectiva vai desdobrar no V *Intercrítica*.

---

<sup>8</sup> <https://www.anped.org.br/content/iv-intercritica-intercambio-nacional-dos-nucleos-de-pesquisa-em-trabalho-e-educacao> Acessado em 20.01.2023

### 3. **V Intercrítica: organização, contexto, foco temático e análise das sínteses das discussões dos grupos.**

O V Intercrítica começou sua programação dentro da periodicidade prevista de dois anos a ser realizado em 2020 na cidade de Vitória, na Universidade Federal do Espírito Santo.

O **GT 09** - Trabalho e Educação - da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd) e o Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-UFES) em colaboração com o grupo de pesquisa Gestão, Trabalho e Avaliação Educacional (GETAE-LAGEBES-UFES) e com o Mestrado Profissional do IFES (PROFEPT-IFES) realiza na UFES e no IFES em 2020 o **V Intercrítica** com o fito de aprofundar o debate teórico sobre as categorias do materialismo histórico dialético bem como fortalecer os coletivos de pesquisa (grupos, núcleos e linhas de pesquisa de programas de pós graduação em educação) do campo Trabalho e Educação em todo país. Para transformação da realidade social, propõe o debate conceitual oferecendo contribuições de importantes intelectuais do campo das ciências humanas sobre a totalidade histórica que envolve o campo Trabalho e Educação.<sup>9</sup>

Mesmo já com a decretação da pandemia Covi19 foram realizadas reuniões para tentar viabilizar *online* algumas atividades centradas sobre “A totalidade histórica que envolve o campo trabalho e educação”. Com o agravamento da pandemia, que alterou profundamente a vida profissional e familiar das pessoas, até mesmo estas atividades se inviabilizaram naquele momento. Entretanto, as políticas de concepção e de práticas nazifascistas do governo Jair Messias Bolsonaro, com a pedagogia do medo e da ameaça, sobretudo para os trabalhadores da esfera pública, tentativa de adoção do ideário do movimento “Escola sem partido” como lei, militarização das escolas, interferências na autonomia das Universidades públicas e dos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia (IFs), etc., mobilizou para inúmeros debates, com membros do GT 09 ao longo de 2020 e 2021. Um acúmulo que se fez presente na realização do *V Intercrítica* na cidade do Rio de Janeiro, em outubro de 2022.

Paradoxalmente, o governo Jair Messias Bolsonaro, na profunda negatividade social, científica, cultural e humanitária, como contraveneno, avivou a luta de classes. Neste contexto, o tema geral desta quinta edição do *Intercritica* não poderia ser outro que não explicitasse a encruzilhada dramática que apresentava

---

<sup>9</sup> <https://www.anped.org.br/content/v-intercritica-encontro-nacional-do-gt-09-da-anped>. Acessado em 23.01.2023

a opção de aprofundamento do projeto nazifascista bolsonarista, ainda que com resistências; e a possibilidade de se retornar ao plano civilizatório do Estado democrático de direito, mesmo sob os limites de uma sociedade historicamente autoritária e profundamente desigual. Disto decorre o tema geral do *V Intercrítica: Crise do capital, luta de classes e educação hoje: utopia ou barbárie*.

### 3.1. Organização e desenvolvimento da programação.

A organização do *V Intercrítica* deu-se mediante duas instâncias articuladas: a Coordenação do GT 09 da ANPED, ampliada com representantes do GT no Comitê Científico da Associação e pareceristas *ad hoc*, todos pesquisadores de diferentes instituições públicas, já aqui nominados; e a Coordenação do Grupo THESE – Projetos Integrados de Pesquisa em Trabalho. História, Educação e Saúde UFF, UERJ e EPSJV/FIOCRUZ. Coube a esta última a coordenação, execução da dinâmica do encontro e a elaboração do presente texto.

Para afirmar que o *Intercrítica* se define pelo intercâmbio de grupos de pesquisa sobre Trabalho e Educação e, seguindo as indicações dos encontros anteriores que apontam novos recortes temáticos de pesquisa, buscou-se enviar previamente aos grupos que participariam presencialmente ou *online* as seguintes questões: “Qual a particularidade de pesquisa do grupo (o recorte de pesquisa na área Trabalho-educação estruturante do grupo)? Quais autores e bases teóricas de interlocução do grupo? Quais as questões empíricas e documentais do grupo? Que metodologias e procedimentos de análise o grupo utiliza predominantemente? Quais os pontos de debate no grupo que geram consensos e dissensos? Nem todos os grupos responderam antecipadamente, alguns o fizeram no encontro e outros enviaram posteriormente.

O Encontro foi organizado com uma conferência de abertura com o tema: *Economia, Educação e Desenvolvimento*, ministrada pelo Prof. Dr. Pedro Rossi da UNICAMP, com mediação da Prof<sup>a</sup> Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes (USP); e uma mesa de encerramento com o tema: *Conjuntura brasileira, contrarreformas educacionais e perspectivas para a luta popular*, tendo como expositor o Prof. Dr. Marcio Pochmann (UNICAMP) e como debatedor o Prof. Dr. Gaudêncio Frigotto (UERJ). A mediação foi do prof. Dr. Lucas Pelissari (IFPR). Ambas as atividades ocorreram à noite na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. As demais

atividades foram realizadas na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ. Na sequência da mesa de abertura desenvolveu-se o painel: O GT 09 – *A produção científica das pesquisas em Trabalho-Educação como “força material”: experiências e perspectivas da práxis política*, sendo expositoras: Prof<sup>a</sup>. Dra. Marise Ramos. (EPSJV/FIOCRUZ e UERJ), Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Ciavatta (UFF), Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Clara Bueno Fischer (UFRGS), Prof<sup>a</sup> Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes (USP), Prof<sup>a</sup> Dr. Lia Tiriba (UFF). O coordenador do GT, Prof. Dr. Doriedson Rodrigues (UFPA), fez a mediação.

O tempo maior, como não poderia ser diferente dada a natureza do Encontro, coube à discussão entre os grupos de pesquisa. Foram organizadas seis salas de discussão, buscando-se uma configuração de presença interestadual/interregional. A sala era composta, necessariamente, por um expositor de cada grupo de pesquisa nela alocado, um mediador, e um ou mais relatores para produzir uma síntese da discussão e expô-la, posteriormente, em sessão plenária. O relatório síntese da respectiva sala deveria contemplar os seguintes pontos: *Interfaces temáticas – temas estudados com interface ou na perspectiva da relação trabalho-educação; Convergências de autores teóricos - clássicos contemporâneos e brasileiros; Interlocução com autores/escolas de pensamento para além do Materialismo Histórico; Ênfases de abordagens metodológicas dos objetos de pesquisa; e Questões em aberto teóricas e metodológicas que demandam aprofundamento.*

Na plenária pode-se ter uma visão de conjunto de cada relato das seis salas e incorporar elementos do rico debate que se processou. O encerramento deste V Encontro Nacional efetivou-se no calor da disputa do segundo turno das eleições em que se confrontava a barbárie e a utopia. Uma vez que o método materialista histórico dialético compreende uma concepção ontológica, epistemológica e política, os pesquisadores presentes não poderiam deixar de expressar seu posicionamento nesse contexto, o que se fez se fez com a aprovação e divulgação da **Carta do Rio** (em Apêndice)

Também em apêndice está uma foto que explicita a confiança de que a vitória não seria da barbárie. Não sem embates dramáticos de todas as ordens, a utopia venceu a barbárie. Cabe-nos, agora, trabalhar sob as circunstâncias dadas

historicamente, pois a utopia não é um dado, é uma dura construção no coração da luta de classes.

### 3.2. Uma breve análise de conjunto das seis sínteses: acúmulo teórico, político e questões em aberto

O que se expôs nos itens anteriores representa um esforço de recuperar, com uma visão de conjunto, o que nos trouxe até aqui como ANPED, GT 09 Trabalho e Educação e o porquê de denominarmos *Intercrítica* os Encontros Nacionais. A maior parte do texto, como se pode depreender na sua leitura, tem como base análises já publicadas e referidas de colegas do GT. Neste item buscamos uma breve análise dos seis quadros<sup>10</sup> construídos das sínteses dos debates dos grupos realizados no V *Intercrítica*, enfatizando o acúmulo teórico e político, bem como questões em aberto discutidas nos grupos e na plenária que merecem serem aprofundadas.

Optamos em manter no corpo do texto os seis quadros porque permitirão, tanto aos grupos que participaram do encontro, quanto aos demais grupos de Trabalho e Educação, terem uma visão de conjunto de cada um dos seis eixos que buscam apreender as sínteses. Uma observação geral que pode ser feita, considerando a síntese dos quatro Encontros Nacionais anteriores: três aspectos principais expressam um acúmulo. O primeiro é a emergência de novas temáticas relacionadas de forma imediata ou mediata à relação trabalho e educação. O segundo é a confluência que vem sendo construída entre os diferentes grupos, tanto na busca do aprofundamento das categorias fundantes do método materialista histórico dialético, quanto, e especialmente, no enfrentamento do desafio e da necessidade de saturá-las de historicidade na construção dos objetos de pesquisa. Finalmente, o terceiro aspecto diz respeito ao debate sobre o método materialista histórico e as metodologias e procedimentos de pesquisa relativos a fontes primárias ou secundárias.

---

<sup>10</sup> Agradecemos a colaboração de Michelle Paranhos (doutoranda PPFH/Uerj) na elaboração dos quadros síntese que constam deste documento.

### 3.2.1. Interfaces temáticas – temas estudados com interface ou na perspectiva da relação trabalho-educação

**Quadro I - Interfaces Temáticas na perspectiva da relação Trabalho-Educação**

<p>Sala 1</p> <p><b>NEAd-Educação</b> (PUC-RJ); <b>GTEPE/NETEC</b> (UFJF);</p> <p><b>GPQPRTE</b> (UFPE).</p>	<p>Educação; educação profissional, política educacional, qualificação profissional; movimento sindical; história da educação; Juventude e Ensino Médio; formação humana integral na perspectiva da classe; “reformas” educacionais burguesas da Educação Básica; projetos empresariais para a educação básica; formulações da classe burguesa para a formação da classe trabalhadora; intelectuais orgânicos do capital (Lemann, Itaú/Unibanco, TPE, Movimento pela Base, entre outros); direito à educação e cultura, envolvendo Comunidade, Sindicato e Mulheres</p>
<p>Sala 2</p> <p><b>JUVENTE</b> (UERJ)</p> <p><b>GEPE</b> (UFPA)</p> <p><b>TMT</b> (UFSC)</p>	<p>Mudanças no mundo trabalho e os processos formativos das novas gerações na escola pública; políticas públicas educacionais para jovens da classe trabalhadora; ensino médio; educação profissional; contrarreforma do ensino médio; concepções e discursos educacionais (projeto de vida e empreendedorismo); implementação dos itinerários formativos e “Ensino Médio de Tempo Integrado com ênfase no empreendedorismo aplicado ao mundo do trabalho”; novo ensino médio; ensino médio integrado; integração dos saberes; movimentos sociais; ensino superior; educação infantil; educação do campo; educação especial; educação numa comunidade quilombola; feminismo.</p>
<p>Sala 3</p> <p><b>GEPETO</b> (UFSC); <b>GPTEA</b> (IFRJ); <b>GPPE</b> (UFAM); <b>Grupo de Pesquisa Estado, Políticas Públicas e Educação Profissional</b> (IFPR); <b>EJA Trabalhadores</b> (UFF)</p>	<p>Políticas educacionais: Ensino Médio, educação profissional, EJA, formação de professores, reformas educacionais, avaliação, plataformização, financiamento da educação; Políticas de Organizações Multilaterais para a educação (do Banco Mundial, UNESCO, OCDE e BID); formas de precarização do trabalho docente; plataformização do trabalho, novos modelos de negócio, privatização da educação, punção do fundo público; implicações da pandemia covid-19 no trabalho docente; parcerias público-privadas e a ingerência do capital na escola pública; Economia criativa e empreendedorismo; limites do desenvolvimento sustentável e potencialidades da educação ambiental crítica; a privatização e oligopolização do Ensino Superior; apropriação do fundo público; sociabilidade capitalista; pedagogias críticas e revolucionárias; Educação Ambiental e conflitos socioambientais; capital e precarização do trabalho; qualificação dos trabalhadores; conservadorismo e educação</p>
<p>Sala 4</p> <p><b>GRUPO THESE/RJ</b>(UFF/UERJ/FIOCRUZ); <b>GETET/PR</b>(UTFR); <b>GPTE/SP</b> (FEUSP); <b>GETAE</b> (LAGEBES-UFES); <b>KAIRÓSN/RS</b> (UFSM); <b>GESTOR/PE</b> (UFPE)</p>	<p>Saúde; Tecnologia; EPT; Políticas Públicas; Reformas Educacionais; Currículo; Avaliação; Gestão Democrática; Trabalho Docente; Trabalho Pedagógico; Formação Docente; Ensino Médio e Integrado; EJA; Educação Popular; Movimentos Sociais e Educação dos Trabalhadores(as); e Relações de Gênero.</p>
<p>Sala 5</p> <p><b>GIPEP</b> (UFPEl e a FURG); <b>NUPED</b> (IFRN); <b>NEPET</b> (UnB).</p>	<p>As mudanças no mundo do trabalho e no modo de produção capitalista e as consequências para a educação; as transformações do trabalho docente; trabalho docente precarizado; educação profissional; EJA, educação básica, educação politécnica, movimentos sociais.</p>

<p>Sala 6</p> <p><b>Nedatte (UFF); GP Trabalho, Educação e Conhecimento (TEC UFRGS); GEPE(UFMT).</b></p>	<p>História e historiografia em trabalho; a fotografia como fonte histórica; Estado, trabalho e formação humana; Educação básica; Políticas de ensino médio e educação profissional e tecnológica; EJA; políticas e movimentos de educação de jovens e adultos trabalhadores; Trabalho-educação e meio ambiente; Trabalho-educação, cultura e modos não capitalistas de produção da existência; Movimentos sociais, experiência e educação; Empresariamento da educação; Educação integral e políticas de ampliação de jornada escolar; medicina tradicional/ancestral enquanto expressão da relação trabalho-educação; interlocução entre saberes da experiência e saberes científicos em abordagens tanto de processos de educação formais como de processos de educação não-formais, são orientadas, pela valorização econômica, social e cultural dos saberes produzidos no trabalho, por seus protagonistas.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Organização do quadro pelo Grupo Trabalho, História, Educação e Saúde (THESE), 2023.

O quadro I traz o conjunto de interfaces temáticas apresentadas na discussão de cada uma das seis salas. Deter-nos-emos a um comentário analítico pontuando o que nos parece se manter ao longo dos anos e a emergência de novas interfaces.

Um primeiro aspecto a ser observado é uma dupla tendência, a saber: a) ampliação de Grupos de Pesquisa em Trabalho e Educação presentes com novas temáticas de pesquisa; b) as diferentes novas interfaces têm que a ver tanto com o foco de cada grupo, quanto com particularidades regionais. Assim, além das temáticas que se mantêm ao longo do tempo relativas à crise do capital e seus reflexos na exploração dos trabalhadores no seu conjunto e dos trabalhadores docentes em particular, aparecem as parcerias público e privado nas concepções da educação e formação profissional sob o ideário empresarial, as contrarreformas na educação básica, as ideologias do empreendedorismo e da pedagogia das competências; mas também os contrapontos da educação politécnica, ensino médio integrado sindicalismo, movimentos sociais, educação popular etc. A emergência de novos temas reflete, em alguma medida, o debate mais amplo nas ciências sociais e humanas atualmente.

Sem abandonar a determinação de classe, pois esta afeta de forma direta ou mediata todas as dimensões da vida, destacaríamos as interfaces com: movimentos culturais ligados a gênero; feminismo e educação; conflitos socioambientais; limites da sustentabilidade; relação entre saberes do trabalho e saber científico; saúde; tecnologia; vida e cultura quilombola; modo(s) de vida e modos de produção da existência humana; produção associada e produção de saberes com foco nos povos originários e populações ribeirinhas. Este tema, embora afetado pela ruptura metabólica entre o ser humano e a natureza, ainda preserva os elementos mais educativos e políticos para enfrentar a questão da

desigualdade, do aniquilamento das “fontes da vida, a natureza e o trabalhador” e para entender o princípio educativo do trabalho socialmente útil e necessário à vida desde a infância. A criação dos Ministérios dos Povos Indígenas e da Igualdade racial no atual governo Lula, assinala um duplo reconhecimento de uma ruptura tardia, mas necessária: a de que devemos o que somos aos colonizadores e escravocratas.

Alguns temas, embora tratados de forma mediada, talvez pudessem ser mais explorados. Citamos especificamente as interfaces com os movimentos sociais do campo, mormente o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Este devido à luta pela reforma agrária popular, produção de alimentos livres de venenos, questão da agroecologia e processos educativos que articulam conhecimento, formação política, trabalho socialmente útil e luta socialista. O segundo tema é a questão do trabalho escravo nas suas formas atuais e o racismo estrutural.

### 3.2.2. Convergências de autores teóricos - clássicos, contemporâneos e brasileiros

#### Quadro II – Convergências de autores

<p>Sala 1</p> <p><b>NEAd-Educação</b> (PUC-RJ); <b>GTEPE/NETEC</b> (UFJF);</p> <p><b>GPQPRTE</b> (UFPE).</p>	<p>Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lênin; Antonio Gramsci, Nicos Poulantzas, Raymond Williams, Ruy Mauro Marini, Florestan Fernandes, Ricardo Antunes, Dermeval Saviani, Gaudêncio Frigotto, Giovani Alves, Lúcia Neves, Eneida Shiroma Olinda Evangelista.</p>
<p>Sala 2</p> <p><b>JUVENTE</b> (UERJ)</p> <p><b>GEPTE</b> (UFPA)</p> <p><b>TMT</b> (UFSC)</p>	<p>Karl Marx, Friedrich Engels, Antonio Gramsci, Vladimir Lenin, Mosey M Pistrak, Lev Semionovitch Vigotski, Edward Thompson, Georg Luckács etc.; Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta, Marise Ramos, Dante Henrique Moura, Ramon Oliveira, Dermeval Saviani, Lucília Machado, Acácia Kuenzer, Paolo Nosella; Maria Clara Bueno Fischer e Lia Tiriba.</p>
<p>Sala 3</p> <p><b>GEPETO</b> (UFSC); <b>GPTEA</b> (IFRJ) <b>GPPE</b> (UFAM)</p> <p><b>Grupo de Pesquisa Estado, Políticas Públicas e Educação Profissional</b> (IFPR) <b>EJA Trabalhadores</b> (UFF)</p>	<p>Karl Marx, Vladimir Lênin, Antonio Gramsci, István Mészáros, Edward Thompson, Nicos Poulantzas, Louis Althusser, François Chesnais, Mosey M. Pistrak, Viktor N. Shulgin, Nadezhda K. Krupskaya, Virgínia Fontes, Ricardo Antunes, Rodrigo Castelo, Elaine Bhering, Rodrigo Lamosa, André Martins, Lucia Neves, Gaudêncio Frigotto, Acácia Kuenzer, Sonia Rummert, Vânia Motta, Dermeval Saviani, Armando Boito e Saes, Loureiro, Layrargues, Foster, Eunice Trein, Dercy Telles, Chico Mendes, Michel Lowy, Foladori, Guimarães.</p>
<p>Sala 4</p> <p><b>GRUPO THESE/RJ</b> (UFF/UERJ/FIOCRUZ); <b>GETET/PR</b> (UTFPR); <b>GPTE/SP</b> (FEUSP); <b>GETAE</b> (LAGEBES-</p>	<p>Karl Marx, Friedrich Engels, Antonio Gramsci; Georg Luckács; István Mészáros; Karel Kosik; Francisco de Oliveira; e Florestan Fernandes.</p>



UFES); <b>KAIRÓSN/RS</b> (UFSM); <b>GESTOR/PE</b> (UFPE)	
Sala 5 <b>GIPEP</b> (UFPE e a FURG); <b>NUPED</b> (IFRN); <b>NEPET</b> (UnB).	Karl Marx; Friedrich Engels; Antonio Gramsci; Georg Lukács; Karel Kosik; István Mészáros; Ricardo Antunes; Luiz Carlos de Freitas; David Harvey; Gaudêncio Frigotto; Dermeval Saviani; David Harvey; Acácia Kuenzer; Celso Ferreti; Maria Ciavatta; Marise Ramos; Paolo Nosella; Giovane Alves; Osmar Fávero; Lucília Machado
Sala 6 <b>Nedatte</b> (UFF); <b>GP Trabalho, Educação e Conhecimento</b> (TEC UFRGS); <b>GEPTE</b> (UFMT).	Karl Marx; Friedrich Engels; George Lukács; Karel Kosik; Antônio Gramsci; Edward Thompson; István Mészáros; Florestan Fernandes; Ricardo Antunes, Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta, Dermeval Saviani; Eneida Shiroma; Olinda Evangelista; Lia Tiriba.

Fonte: Organização do quadro pelo Grupo Trabalho, História, Educação e Saúde (THESE), 2023.

O quadro II mostra a amplitude de autores clássicos, contemporâneos internacionais e brasileiros como referências teóricas que transitam nos diferentes grupos de pesquisa, cujas ênfases estão ligadas, também, aos recortes temáticos dos grupos.

O aspecto importante a se destacar é de dupla natureza. Primeiro, o fato de todos os grupos tomarem como base os autores clássicos que fundaram o método materialista histórico dialético (Marx e Engels) e os principais autores marxistas clássicos que, em seu tempo, seguiram este método em suas análises com nuances diversas (Lenin, Gramsci, Lukács, Mészáros, Thompson, Kosik, Althusser, Poulantzas, Harvey) e, do mesmo modo, autores marxistas brasileiros. No campo específico dos autores brasileiros, pode-se notar a crescente incorporação de novas gerações que se constituem em referência aos pesquisadores do GT 09. O livro de Eric Hobsbawm *Como mudar o mundo, Marx e o marxismo* (2012) sinaliza aspectos importantes nos planos tanto teórico quanto metodológico, do que escreveram Marx e Engels e os que os seguiram no campo do marxismo.

Destacamos autores importantes do campo marxista, certamente utilizados por algum grupo, mas que não foram mencionadas, a exemplo de Eric Hobsbawm, Henry Lefebvre, Fredric Jameson, Domenico Losurdo, Ellen Wood, Adam Schaff (este, com inflexões teóricas e política). Dentre autores brasileiros não mencionados, mas que certamente são referência na área Trabalho e Educação estariam: Leandro Konder, Arthur Giannotti, Carlos Nelson Coutinho, José Paulo Neto, Marcelo Badaró Mattos e Leda Paulani.

### 3.2.3. Interlocução com autores/escolas de pensamento para além do materialismo histórico

#### Quadro 3 – Interlocução com autores/escolas para além do materialismo histórico e dialético

Sala 1 <b>NEAd-Educação</b> (PUC-RJ); <b>GTEPE/NETEC</b> (UFJF); <b>GPQPRTE</b> (UFPE).	Aníbal Quijano, Miguel Arroyo, Boaventura de Souza Santos, Pierre Bourdieu, Jessé de Souza, José Martí, Arturo Escobar.
Sala 2 <b>JUVENTE</b> (UERJ); <b>GEPE</b> (UFPA); <b>TMT</b> (UFSC).	Diante da diversidade de temas tratados e que vem ganhando espaço, foi destacada a necessidade de dialogar com autoras e autores de outros campos teóricos, para além do materialismo histórico-dialético, necessários para a compreensão das questões relacionadas à juventude, à cultura, às infâncias, subjetividade, à educação quilombola, ampliando a perspectiva de formação humana, para além da educação escolar. Mas também para enfrentar o debate e as críticas que ganham força a partir do identitarismo, da pós-modernidade, da decolonialidade, ao conceito de classe social e à luta de classes.
Sala 3 <b>GEPETO</b> (UFSC); <b>GPTEA</b> (IFRJ); <b>GPPE</b> (UFAM); <b>Grupo de Pesquisa Estado, Políticas Públicas e Educação Profissional</b> (IFPR); <b>EJA Trabalhadores</b> (UFF)	Não foi apontado pelos grupos.
Sala 4 <b>GRUPO THESE/RJ</b> (UFF/UERJ/FIOCRUZ); <b>GETET/PR</b> (UTFPR); <b>GPTE/SP</b> (FEUSP); <b>GETAE</b> (LAGEBES-UFES); <b>KAIROS/RS</b> (UFMS); <b>GESTOR/PE</b> (UFPE).	Os estudos à luz do materialismo histórico dialético se efetuam, sobretudo, pelo consenso e dissenso. Por este último, incorporam-se autores(as) que realizam estudos e pesquisas que margeiam o MHD, mas não são inerentes a ele, tais como: Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Chistian Laval.
Sala 5 <b>GIPEP</b> (UFPE e a FURG); <b>NUPED</b> (IFRN); <b>NEPET</b> (UnB).	Miguel Arroyo; Paulo Freire; Manuel Castells; Stephen Ball, António Nóvoa; Boaventura de Souza Santos; Dalila Oliveira; Guy Standing.
Sala 6 <b>Nedatte</b> (UFF); <b>GP Trabalho, Educação e Conhecimento</b> (TEC UFRGS); <b>GEPE</b> (UFMT).	Jorge Larrosa Bondía; Chantal Medaets; Maria Betânia Barbosa Albuquerque; Catherine Walsh; Aníbal Quijano; Alberto Acosta, Alejandro Guillén García; Nancy Rosario Déleg Guazha; Yves Schwartz, Silvia Federici, Heleieth Saffioti, Paulo Freire.

Fonte: Organização do quadro pelo Grupo Trabalho, História, Educação e Saúde (THESE), 2023

O quadro III nos traz um aspecto importante, também mais recente, sobre a interlocução com autores não marxistas, mas que têm aportes fundamentais na crítica ao sistema capitalista, ao processo de colonização, alguns mais próximos que outros ao marxismo.

Três aspectos merecem destaque nesta interface. Primeiro, que toda essa literatura, de alguma forma, faz crítica ao sistema capitalista em diferentes âmbitos

da vida humana; e neste sentido coincidem com as abordagens do método materialista histórico dialético. O que os diferenciam do marxismo é que suas críticas, como sinaliza Fredric Jameson, não alcançam a perspectiva da superação do sistema capitalista. A interface dos grupos evidencia um amplo número de autores que transitam mais num ou noutro grupo e que estimula aos demais a utilizarem em suas análises, quando for o caso.

O segundo aspecto refere-se à ausência de autores importantes, mormente no âmbito da cultura que na maioria transita no campo do marxismo, a exemplo dos filósofos da Escola de Frankfurt, dentre eles Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, Walter Benjamin, Erich Fromm. Vários destes intelectuais desta escola de pensamento, destacamos particularmente Adorno e Fromm, dialogam com a obra de Marx e Lukács.

Por fim, o terceiro elemento se constitui num desafio à luz dos fundadores do método materialista histórico dialético. Trata-se do diálogo com autores opostos ou antagônicos, buscando deles os aspectos que podem ser “incorporados por superação” ou de forma “subordinada”. Um exercício que nos mostra que, trabalhando no terreno da contradição, a pesquisa e a ciência burguesas não são pura negatividade. Isto, por um lado, pelas necessidades da competição intercapitalista e, por outro, pela vigência permanente da luta de classe.

#### 3.2.4 Ênfases de abordagens metodológicas dos objetos de pesquisa

#### Quadro IV – Ênfases de abordagens metodológicas

<p>Sala 1</p> <p><b>NEAd-Educação</b> (PUC-RJ);</p> <p><b>GTEPE/NETEC</b> (UFJF);</p> <p><b>GPQRTE</b> (UFPE).</p>	<p>Pesquisa documental; técnicas de observação participativa e diagnóstica, entrevistas, grupo focal,</p>
<p>Sala 2</p> <p><b>JUVENTE</b> (UERJ)</p> <p><b>GEPE</b> (UFPA)</p> <p><b>TMT</b> (UFSC)</p>	<p>Pesquisa documental (análise de documentos de organismos internacionais e da política educacional brasileira, sites oficiais de instituições, empresas, movimentos da sociedade civil etc.); pesquisa de campo (observação, entrevistas, grupos focais); pesquisa teórica; participação nas lutas de classe em diversos espaços: ruas, organização de atividades na Universidade e em articulação com os movimentos sociais, formação de jovens universitários ou não.</p>
<p>Sala 3</p>	<p>Análise crítica do discurso; Análise de redes políticas; Análise de Conteúdo; Pesquisa participante; Pesquisa empírica; Análise documental.</p>

<b>GEPETO (UFSC); GPTEA (IFRJ)</b> <b>GPPE (UFAM); Grupo de Pesquisa Estado, Políticas Públicas e Educação Profissional (IFPR); EJA Trabalhadores (UFF)</b>	
Sala 4  <b>GRUPO THESE/RJ (UFF/UERJ/FIOCRUZ); GETET/PR (UTFPR); GPTE/SP (FEUSP); GETAE (LAGEBES-UFES); KAIRÓSN/RS (UFSM); GESTOR/PE(UFPE)</b>	Métodos qualitativos e quantitativos de análise: pesquisa Documental; Análise de discurso; Historiografia; Etnografia; Estudo de Caso; Pesquisa-Ação; e Grupo Focal.
Sala 5  <b>GIPEP –UFPE e a FURG; NUPED (IFRN); NEPET(UnB)</b>	Abordagem qualitativa e quantitativa; pesquisa de campo, a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, análise de conteúdo e a análise textual e discursiva; aplicação de questionários; entrevistas semiestruturadas; entrevistas em profundidade; análise documental; pesquisa bibliográfica
Sala 6  <b>Nedatte (UFF); GP Trabalho, Educação e Conhecimento (TEC UFRGS); GEPT (UFMT).</b>	Análise documental; reconstrução histórica; considerações metodológicas inspiradas na enquete operária; Pesquisas qualitativas, estudos de caso, pesquisa-ação, pesquisa participante, entrevistas semiestruturadas e estruturadas, entrevistas narrativas, encontros sobre o trabalho; análise de conteúdos

Fonte: Organização do quadro pelo Grupo Trabalho, História, Educação e Saúde (THESE). 2023

O quadro IV, por certo, é o que nos traz mais desafios junto às questões em aberto do último quadro e que se relacionam.

Se observarmos como Marx e Engels realizavam as suas pesquisas, podemos concluir que eles se valeram de todas as fontes secundárias e algumas primárias como cartas, obras em discussão de suas fontes básicas, a economia política, a filosofia alemã e o socialismo utópico. Eles empreenderam um processo de desvelar o que estas análises mostravam e o que elas desconsideravam ou mascaravam, não por uma questão de maldade, mas devido aos limites impostos pelo ponto de vista de classe. Possivelmente, dentro deste critério, eles se valeriam de dados oriundos de todos os procedimentos de pesquisa, mas colocando-os sob o crivo da análise crítica.

Por isso, o que os constituíram fundadores da ciência da história é o seu método de análise na busca das múltiplas determinações e dos nexos que dão compreensão de como se constitui e apreende o movimento do real. Ou seja, o movimento de ascender do empírico aparente ao concreto pensado. O historiador

Eric Hobsbawm, neste sentido, nos dá uma pista primorosa ao destacar qual é a “chave” do método de Marx e Engels.

Assim, como devemos ver Karl Marx hoje? Como um pensador para toda a humanidade e não somente para parte dela? Claro que sim. Como filósofo? Como analista econômico? Como um dos pais da moderna ciência social e guia para o entendimento da história humana. Sim, porém o ponto que Attali sublinhou corretamente é a abrangência universal de seu pensamento. Não se trata de um pensamento “interdisciplinar” no sentido convencional do termo, mas integra todas as disciplinas. Como escreveu Attali “antes dele, os filósofos consideraram o homem em sua totalidade, mas ele foi o primeiro a apreender o mundo como um todo que é, ao mesmo tempo político, econômico, científico, filosófico” (HOBSBAWM, 2011, p.21)

Este, certamente, é um tema fundamental para aprofundamento no interior dos grupos de pesquisa e que pode ser pauta do *VI Intercrítica*.

A princípio, parece-nos caber refletir sobre especificidades, pertinências e limites do uso de técnicas e procedimentos de construção de dados quantitativos e/ou qualitativos sobre o fenômeno estudado, como levantamento estatístico a partir de banco de dados, pesquisa documental, aplicação de questionários, realização de entrevistas e grupos focais, observação participante ou não participante, inclusive de corte etnográfico, dentre outros; o tratamento desses dados, a exemplo da análise temática, de conteúdo e de discurso (considerando também a complexidade de esta estar sendo considerada, por grupos de pesquisadores, um campo de estudos); o recorte e dimensionamento do objeto, desafio, por exemplo aos estudos de caso; os estudos historiográficos; e a coerência entre tais componentes e perspectivas de pesquisa em ciências sociais com o método histórico dialético. O rigor com suas categorias – totalidade, particularidade e singularidade; historicidade; contradição; práxis – e o movimento orgânico de análise e síntese, parecem ser desafios na possibilidade dessa coerência e na superação do risco da superficialidade, do ecletismo ou do empiricismo.

### 3.2.4. Questões em aberto teóricas e metodológicas que demandam aprofundamento

#### Quando V – Questões para aprofundamento (teóricas e metodológicas)

<p>Sala 1</p> <p><b>NEAd-Educação</b> (PUC-RJ); <b>GTEPE/NETEC</b> (UFJF);</p> <p><b>GPQPRTE</b> (UFPE).</p>	<p>Pensar o tema da educação e desigualdade sem limitá-lo à questão de classe, mas correlacioná-lo a questões étnicas, sexuais, regionais, culturais, como importantes contribuições a serem dialeticamente consideradas. Investigar que práticas pedagógicas alternativas de formação dos jovens trabalhadores se constroem como projetos pedagogicamente eficientes e politicamente engajados, de forma a tornar a escola mais atrativa e significativa para o jovem-estudante.</p>
<p>Sala 2</p> <p><b>JUVENTE</b> (UERJ);</p> <p><b>GEPE</b> (UFPA);</p> <p><b>TMT</b> (UFSC).</p>	<p>Diversidade e emergência dos temas articulados à área Trabalho e Educação; categorias de análise; o desafio de discutir trabalho, educação e cultura; as transformações no mundo do trabalho (os processos de uberização, plataformização, regulação algorítmica, revolução 4.0) e suas relações com os processos formativos escolares e não escolares; "a nova morfologia da classe trabalhadora". Destacou-se a importância de que a presença do GT9 na Anped seja uma extensão do Intercrítica, com a proposta de um trabalho encomendado ou uma seção de trabalho que tenha como objetivo revisar as categorias centrais para pensar as temáticas emergentes do campo na atualidade.</p>
<p>Sala 3</p> <p><b>GEPETO</b> (UFSC); <b>GPTEA</b> (IFRJ); <b>GPPE</b> (UFAM); <b>Grupo de Pesquisa Estado, Políticas Públicas e Educação Profissional</b> (IFPR); <b>EJA Trabalhadores</b> (UFF)</p>	<p>Questão sobre o Estado; movimentos sociais e lutas de classes no Brasil de hoje; convergências e divergências entre a luta dos trabalhadores e a luta ambiental considerando os paradigmas de desenvolvimento; aproximações entre Universidade, educação básica e movimentos sociais; as diferenças e convergências entre as correntes marxistas; relação entre temas fundamentais que possuem estatutos próprios, como os étnico-raciais, gênero e a orientações sexuais, compreendendo-os como presididos, pelos determinantes estruturais do modo de produção capitalista.</p>
<p>Sala 4</p> <p><b>GRUPO THESE/RJ</b> (UFF/UERJ/FIOCRUZ); <b>GETET/PR</b> (UTFPR); <b>GPTE/SP</b> (FEUSP); <b>GETAE</b> (LAGEBES-UFES); <b>KAIROS/RS</b> (UFSM); <b>GESTOR/PE</b>(UFPE).</p>	<p>Metodologia de Pesquisa com aporte no MHD; Interdisciplinaridade; Conceito de Tecnologia; Educação Tecnológica como sinônimo de Politécnica (Saviani); Síntese de educação geral e específica (formação omnilateral); Historicidade da denominação "EPT"; O acréscimo da Educação Tecnológica para garantir a formação integral da EP; O ensino médio integrado como expressão histórica da disputa pela politécnica no Brasil; e a Arte e cultura na formação integral – Unidade Trabalho.</p>
<p>Sala 5</p> <p><b>GIPEP</b> (UFPE e a FURG); <b>NUPED</b> (IFRN); <b>NEPET</b> (UnB).</p>	<p>O crescimento do neoconservadorismo e do fascismo no ocidente; a relação do neoliberalismo com a ascensão dos regimes neoconservadores e fascistas; a crise do Estado neoliberal; o fim da globalização 1.0; o fim do mundo unipolar e a construção do mundo multipolar; as novas tecnologias educacionais. Limites e possibilidades para se avançar em direção a uma formação politécnica da classe trabalhadora na sociedade capitalista, neoliberal e periférica como a brasileira; Diferenças e aproximações conceituais entre politécnica, omnilateralidade, escola unitária, Formação humana integral. Abordagem das questões de classe, gênero e raça.</p>
<p>Sala 6</p> <p><b>Nedatte</b> (UFF); <b>GP Trabalho, Educação e Conhecimento</b> (TEC UFRGS); <b>GEPE</b> (UFMT).</p>	<p>A (in) compreensão do materialismo histórico-dialético; o diálogo com referenciais teórico-metodológicos distintos para dar conta da construção dos objetos; conhecimento do pensamento marxista latino-americano; a relevância aprofundar na reflexão do Princípio Educativo do Trabalho e seu princípio humanizante.</p>

Fonte: Organização do quadro pelo Grupo Trabalho, História, Educação e Saúde (THESE). 2023

O enfrentamento de questões teóricas e metodológicas em aberto é um movimento necessário já indicado pela análise do quadro anterior e implica o

entendimento da “interdisciplinaridade” no campo científico, mas não no sentido tradicional, como explicita Hobsbawm na citação anterior.

Os grupos destacam a necessidade de aprofundar a compressão do método materialista histórico dialético, de suas categorias básicas e de sua utilização no processo e pesquisa. Neste âmbito, situa-se a questão da interdisciplinaridade e dos procedimentos metodológicos de pesquisa que tratamos acima.

Uma segunda ordem de questões diz respeito a não limitar as análises da relação de educação e desigualdade à classe social, mas “correlacioná-lo” aos temas da etnia, cultura, raça e gênero. Aqui também entra o tema da juventude da classe trabalhadora, juventude e juventudes etc. Neste particular, cabe sinalizar que a questão das classes, entendidas como a relação social historicamente construída, se constitui na categoria mais geral no plano da análise social, enquanto as questões étnicas, raciais, regionais, culturais, geracionais se constituem em particularidades. Por isto, que no caso da desigualdade racial, por exemplo, à desigualdade de classe se sobrepõe, no Brasil, o fato de ser negro, mulher negra, jovem negro. Do mesmo modo, juventude no singular só tem sentido geracional. No plano da análise social temos juventudes no plural, uma vez mais pelo recorte de classe, gênero, etnia, raça etc. Nisto incide outro aspecto apontado sobre as diferentes leituras de correntes marxistas sobre os temas acima ou outros. Ainda no plano conceitual, indica-se a necessidade de aprofundar a relação dos conceitos de educação politécnica, *omnilateral*, integral, escola unitária; unidade trabalho, ciência e cultura; dos conceitos de tecnologia; e educação tecnológica e politécnica, arte e cultura.

Pelo debate que envolve o conceito de trabalho como princípio educativo ou o princípio educativo do trabalho socialmente produtivo, este tema merece destaque por ser central na relação trabalho e educação. O trabalho socialmente produtivo está diretamente ligado ao campo das necessidades imperativas da reprodução da vida do ser humano como ser da natureza, de modo que, se ele não atua com suas mãos, membros e cérebro para satisfazê-las, vai fenecer ou explorar outrem. Por isso é que, desde determinada idade da infância, combatendo o trabalho explorado, é fundamental que se vá internalizando esta compreensão. Nela reside, para Marx, o gérmen da sociedade do futuro. O divisor de águas é que

o trabalho, condição de produção da vida humana material, é condição para os diferentes trabalhos ou atividades ligadas ao mundo da liberdade.

Karel Kosik elucida com clareza que é o processo histórico real que vai definir como o agir humano pode ser considerado trabalho ou não trabalho.

O trabalho é um agir humano que se move na esfera da necessidade. O homem trabalha enquanto seu agir é suscitado e determinado pela pressão da necessidade exterior, cuja consecução se chama necessidade natural ou social. Uma atividade é ou não trabalho, dependendo de que seja ou não exercida como uma necessidade natural, isto é, como um pressuposto necessário à existência. Aristóteles não trabalhava. Um professor de filosofia, porém trabalha porque as suas traduções e interpretações da "Metafísica" de Aristóteles são um emprego, isto é, uma necessidade, socialmente condicionada, de procurar os meios materiais de sustento e de existência (KOSIK, 1969, p. 187)

Finalmente, manifesta-se um conjunto de questões no âmbito político e das políticas públicas de educação que merecem aprofundamento de análise e de referências teóricas robustas enfrentá-las na perspectiva do materialismo histórico, em duas formas históricas e face aos desafios contemporâneos. São elas: Estado e classe social, movimentos sociais e políticas públicas nos diferentes níveis e modalidades de educação.

### **A título de considerações finais**

O que buscamos aqui é destacar alguns aspectos muito gerais deste percurso até o *V Intercrítica*. Um primeiro aspecto é que se evidencia um acúmulo teórico e político do GT trabalho Educação. Este se expressa pela compreensão das categorias fundantes do método materialista histórico como opção ontológica, epistemológica e política do GT 09 da ANPED; se expressa, ainda, na compreensão de que é possível e necessário dialogar e incorporar análises de outros referenciais críticos ou, mesmo, aspectos de análises de referenciais opostos ou antagônicos seguindo a postura de Marx e Engels.

Outro aspecto importante situa-se na crescente incorporação de grupos advindos das mais diversas regiões do país que permitiram não somente novos temas incorporados no debate como aspectos específicos da relação Trabalho e Educação. Neste particular, a região menos representada de grupos é o Centro-



Oeste. No mesmo sentido, a presença de Grupos de Pesquisa formados a partir da Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica trouxe novas interfaces e novos temas. A criação de novos grupos vindos dessa rede, é muito importante, considerando o papel contraditório da tecnologia, mas sendo esta cada vez mais apropriada pelo capital contra o trabalhador.

Um ponto que foi destacado nos debates diz respeito à importância de definir o que caracteriza o GT Trabalho e Educação e a formação e inclusão de novos grupos sob estas duas categorias. A primeira condição é que todas as interfaces com novos temas e novas problemáticas partam desta relação. O que pode ser discutível é se necessariamente tem que se pautar pelo materialismo histórico dialético. Por coerência com o diálogo com outros referenciais, talvez não. Trata-se, portanto, de um tema a ser discutido e aprofundado.

Outro aspecto trazido por este percurso analítico que fizemos desde a gênese do GT 09 até o *V Intercrítica*, é que, de forma cada vez mais clara se tem o entendimento de não bastar produzir conhecimento crítico, mas é necessário que a práxis ou a prática sustente a motivação e a finalidade dessa produção. É neste terreno que se pode alterar a realidade social, política e cultural e lutar pela construção da sociedade socialista.

Por fim, o *V Intercrítica* se efetivou dentro de um clima de debate rigoroso, mas fraterno, dimensões que caracterizam a postura necessária dos que buscam construir a sociedade socialista. Um posicionamento da mesma natureza crucial, também, frente ao atual governo, cuja vitória – e a cada dia isto fica mais evidente – nos livrou de uma degradação social e humana que se escancara com o genocídio dos Yanomamis. Dar sustentação a este governo, no formato diverso das forças que o compõem, sem abrir mão da tarefa da crítica, é fundamental para que as forças nazifascistas não tenham a mínima chance de voltar ao poder do Estado.

## Referências

CALAZANS, Maria Julieta Costa. ANPED – Trajetória da Pós-graduação e Pesquisa em Educação no Brasil. Documentos ANPED, Minas Gerais, 1995.

CEA, Geórgia Sobreira dos Santos e RUMMET, Sonia Maria. Trabalhos encomendados e minicursos do GT 09 no período de 1997: Elementos para o debate. Revista Trabalho Necessário, ano 13, nº. 20, Rio de Janeiro, 2015, p. 22-67.

CIAVATTA, Maria. O percurso histórico do GT Trabalho e Educação – Um exercício de interpretação. Revista Trabalho Necessário. Ano 13, n 20, 2015, p. 22-50.

FILHO, Domingos, SHIROMA, Eneida, SILVA, Mariléia. Mapeamento de Grupos de Trabalho e Educação: Temas de Pesquisa e Intercrítica. Revista Trabalho Necessário. v.17, nº 32, 2019.

HOBBSAWM, Eric. Como mudar o mundo. Marx e o marxismo. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2011.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo - A Lógica Cultural Do Capitalismo Tardio. Rio de Janeiro, Editora Ática, 1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATA, Maria. Teoria e educação no labirinto do capital. Petrópolis/RJ 1989, 1ª edição.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KUENZER, Acácia. Educação e trabalho no Brasil: o estado da questão. Brasília: Inep; Santiago: Reduc, 1991.

OLIVEIRA, Francisco de. Intelectuais, conhecimento e espaço público. Revista Brasileira de Educação, nº 18, Set/Out/Nov/Dez 2001, p.125-132.

OLIVEIRA, Francisco de. Revista reportagem, n. 41, fev.2003. Entrevista concedida a Fernando Haddad e Leda Paulani.

SAVIANI, Dermeval. As associações o Estado. Boletim da ANPED–Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Vol. 8, n. 3-4, S/L, 1986, p.43-46.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. Campinas, Autores Associados, 1983, 1ª Ed  
TREIN, Eunice; CIAVATTA, Maria. A historicidade do percurso do GT Trabalho e Educação: uma análise para debate. Trabalho, Educação e Saúde, v. 7, suplemento, 2009, p. 15-49.

TREIN, Eunice; CIAVATTA, Maria. O percurso teórico e empírico do GT Trabalho e Educação: uma análise para debate. Revista Brasileira de Educação, n. 24, set./dez. 2003, p. 140-164.

**VinterCRÍTICA**  
INTERCÂMBIO NACIONAL DOS NÚCLEOS DE PESQUISA EM TRABALHO E EDUCAÇÃO

